

QUESTÕES ACERCA DO JORNALISMO CIENTÍFICO

Carla Chein

Jornalista, pós-graduanda *lato sensu* em jornalismo científico pela Unicamp e
Coordenadora da Editoria de Saúde e Ciência do jornal “O Tempo”

Se a obrigação do jornalismo é refletir a vida cotidiana, e essa vida tem cada vez um maior componente de ciência e tecnologia, parece lógico que a especialidade nesse campo cresça.¹

Em 8 de junho de 1996, a revista inglesa de publicação científica “New Scientist” trouxe na capa a matéria “Why you could catch a heart attack” (“Como você pode pegar um ataque cardíaco”). A reportagem mostra que há controvérsias entre os próprios pesquisadores, divididos em três linhas: os que suspeitam que a conhecida bactéria *Chlamydia pneumoniae* exacerba a aterosclerose que danifica o tecido e estreita as artérias, provocando o problema cardíaco; os que pensam que o microrganismo é apenas um espectador inocente; e os que duvidam da própria presença na bactéria nas artérias doentes. A matéria deixa claro que ainda não há consenso sobre a ação da *Chlamydia* no ataque cardíaco, mas o título coloca a relação como verdade absoluta e derruba todo o trabalho de conscientização sobre os fatores já determinados como de risco para as doenças cardiovasculares – colesterol alto, hipertensão arterial, sedentarismo etc.

Na época, a imprensa brasileira² acompanhou o enfoque da “New Scientist”, estampando em suas páginas títulos semelhantes (“Doença cardíaca pode ‘pegar’ como resfriado”). O problema não foi noticiar a pesquisa e, sim, colocar como verdade uma hipótese que ainda haveria de ser comprovada e, mais do que isso, enterrar outros fatores já comprovadamente determinantes. A bactéria, hoje se sabe, é mais um entre tantos outros fatores que podem causar o ataque cardíaco.

Esse foi um erro com o qual jornalistas – repórteres e editores – que cobrem a área de ciência deveriam ter aprendido a ser mais cautelosos. No entanto, o erro foi repetido³ seis anos depois, na edição de abril de 2002 da revista “Superinteressante”. Em entrevista sobre microrganismos, o biólogo norte-americano Paul Ewald diz que “atualmente, há estudos que relacionam doenças cardíacas à bactéria *Chlamydia pneumoniae*”. No alto da página, no entanto, o subtítulo afirma que “bactérias causam ataques cardíacos”.

Pois bem, o exemplo é um entre tantos outros, os quais Wilson Bueno⁴ chama de espetacularização da ciência. O intuito maior é transformar a ciência em notícia, mostrar um fato novo, inesperado, garantindo assim a atenção do leitor. Em “A Teoria da Informação e a Comunicação Científica Pública”, Isaac Epstein lembra que, para ter o atributo de notícia, o fato ou evento deve ser inesperado. Mas, quando esse caráter é aplicado à cobertura de ciência, surgem pelo menos

duas questões importantes. Uma delas é se dessa forma se faz, realmente, Jornalismo Científico. A segunda nos leva a refletir o que é Jornalismo Científico e qual seria, então, o seu papel.

CONCEITO E FUNÇÃO

Quando se fala em Jornalismo Científico, a primeira coisa que vem à cabeça da maioria das pessoas é que este é um assunto complicado – destinado a um setor privilegiado da sociedade capaz de entender as palavras muitas vezes desconhecidas para a maior parte da população – e segmentado – uma vez que não atrairia a atenção como uma notícia política, econômica ou esportiva. No Brasil, ainda há um certo preconceito e desdém. É possível ouvir questionamentos como: o que isso muda a vida do leitor na prática? Pois essa é uma das perguntas mais importantes a serem feitas pelo jornalista científico, que nem sempre é respondida na matéria por falta de tempo e espaço – dois inimigos do Jornalismo em geral.

A ciência está muito mais próxima do nosso dia-a-dia do que temos consciência: no elevador, controle remoto, computador, alimentos, roupas. Em “El Periodismo Científico”, Manuel Calvo Hernando ressalta que a função do Jornalismo Científico é democratizar o conhecimento, ou seja, “colocar o patrimônio intelectual e científico de uma minoria a serviço da maioria”.

Os jornalistas científicos são profissionais da informação com o objetivo de explicar o universo à população. Mas isso é quase utópico porque o universo tem muitos aspectos inexplicáveis.⁵

Mário L. Erbolato, em “Jornalismo Especializado: Emissão de Textos no Jornalismo Impresso”, completa que a missão do jornalismo científico é “levar a descoberta ao conhecimento dos leitores, de forma acessível, correta e sem desvio da verdade, deixando inclusive de dar esperanças vãs em caso de provável cura de determinadas doenças ainda consideradas fatais”. Mas, como Alberto Dines lembra, é preciso estar atento às diferenças e semelhanças entre o jornalismo e a ciência.

Jornalismo Científico não é ciência, é uma função social que pode ser estudada cientificamente. Embora não seja ciência, todo jornalismo é científico.⁶

Nem por isso, alerta Dines, o jornalista científico se transforma em cientista porque os dois profissionais têm funções diferentes. O jornalista científico não poderá diagnosticar doenças ou receitar remédios, por exemplo. Mas poderá – e deverá – usar o conhecimento que adquire para informar melhor o leitor. Quanto ao inverso, Wilson Bueno relata:

Já tivemos suplementos de ciência nos jornais que eram produzidos por cientistas e pesquisadores, nem um pouco comprometidos com o Jornalismo. Simplesmente, eram reproduzidos nos jornais e revistas textos ou ensaios inéditos ou já apresentados em congressos científicos, quase sempre inacessíveis ao leitor comum. Jornalismo Científico? De forma alguma.⁷

O exemplo citado acima é chamado de divulgação científica. Assim como o jornalismo científico, a divulgação científica é destinada ao público leigo com a intenção de democratizar as informações. No entanto, a linguagem dos dois é completamente diferente. O jornalismo científico é um caso particular de divulgação científica, mas que obedece ao padrão de produção jornalística.

O Jornalismo Científico, que deve ser em primeiro lugar Jornalismo, depende estritamente de alguns parâmetros que tipificam o Jornalismo, como a periodicidade, a atualidade e a difusão coletiva. O Jornalismo, enquanto atividade profissional, modalidade de discurso e forma de produção tem características próprias, gêneros próprios e assim por diante.⁸

ESPECIALIZAÇÃO E FONTES

Fabíola Oliveira⁹ disse uma vez que o bom jornalista científico é aquele que sabe a quem perguntar e o que perguntar. De fato, qualquer jornalista precisa saber onde encontrar a informação e quem está apto para falar sobre determinado assunto. Mas eu acrescentaria a essas duas características o saber ouvir a resposta, que também contribui para a formulação de perguntas. Muitas vezes o jornalista chega à redação com a matéria apurada, sem algumas respostas que parecem detalhes, mas que são essenciais para qualquer matéria sobre ciência. O problema é que, muitas vezes arrogante, o jornalista não se presta a passar por “burro” para a fonte e prefe-

re “palpitar”, tirar uma conclusão a partir de seu próprio raciocínio e que, na maioria das vezes, está errada.

O ideal, claro, é que todo jornalista conheça, pelo menos um pouco, o assunto a ser tratado, seja genética, astronomia ou paleontologia. Primeiro, para ser mais objetivo e ganhar tempo; segundo, para não se enganar pela fonte; e terceiro, para ser mais fiel à informação publicada. O objetivo é buscar a novidade com síntese e crítica. Os detalhes podem até não ser usados, mas vão ajudar a escrever de forma compreensível para o leitor. Ter fontes confiáveis e didáticas, que sejam pacientes para explicar dúvidas nos horários mais inesperados, ajuda muito na cobertura científica. “Especializar é ‘construir’ credibilidade, aprofundar conhecimentos, criar relações com fontes”.¹⁰

Muitos profissionais questionam a especialização alegando que o jornalismo exige conhecimento de todas as áreas e que a imprensa não tem como se dar ao luxo de ter um especialista em ciência. Hoje é comum encontrar nas redações o jornalista “pau para toda obra”, que cobre setores diferentes. No entanto, o Jornalismo Científico pode estar presente nos cadernos de Cultura, Política, Internacional, Economia, Esportes e Cidades, usando a ciência de forma didática ou até como argumento para denúncias. “A informação científica, não há dúvida, está ligada ao Jornalismo geral”.¹¹

Alguns podem pensar que se tem aqui, então, uma fórmula para se fazer Jornalismo Científico. Que não pensem isto. Assim como no Jornalismo em geral, no científico, cada caso é um caso e surgem questionamentos específicos em cada um deles. O importante é estar atento para questões como credibilidade das fontes, precisão das informações e clareza – entre tantas outras em comum com o Jornalismo em geral, mas que podem acabar com o trabalho de um jornalista científico devido ao fato de os cientistas serem muito mais detalhistas e exigentes do que os outros profissionais.

A RELAÇÃO JORNALISTA/CIENTISTA

Tenho para mim que a precisão da informação publicada em um veículo de comunicação não depende apenas do jornalista ou do cientista, mas de ambos. Se o jornalista tem dificuldades para entender o raciocínio do cientista e não tira as dúvidas por medo, preguiça ou arrogância, por mais que a fonte se predisponha a esclarecer o assunto, o jornalista não conseguirá colocar no papel de forma clara e correta as informações. Por outro lado, mesmo que jornalista tenha toda a paciência e interesse

do mundo, mas o cientista não contribui por ser impaciente ou se expressar mal, as chances de publicar uma informação errada aumentam.

O maior obstáculo na cobertura de ciência é a dificuldade de entendimento entre jornalistas e cientistas. Em 1991, a revista “New Scientist” publicou um editorial sobre as dificuldades dessa relação, com base em um relatório da Royal Society, enfatizando que um dos maiores problemas é a falta de compreensão dos cientistas de como a imprensa funciona.

Não é difícil compreender por quê. Os cientistas demoram anos para concluir um experimento porque têm de comprovar os pequenos detalhes com precisão. Os jornalistas têm dead-line, trabalham contra o tempo e não têm espaço para explicar todos esses detalhes. Além disso, o leitor comum não se interessa ou até não compreenderia algumas informações que circulam apenas entre pesquisadores. Muitas vezes, o que é interessante ser divulgado, na opinião do cientista, não é útil para o leitor. É desgastante convencer um cientista de que é preciso ter um lide interessante para o leitor. No entanto, quase sempre o esforço é válido e se tem um resultado satisfatório ao final, com a matéria publicada.

Jornalistas e cientistas precisam se entender antes de tudo. O cientista acha que jornalista é desinformado porque pergunta demais. Mas o jornalista precisa tirar todas as suas dúvidas para escrever de forma clara. E, em prol da informação correta, deve ter muita paciência ao lidar com a arrogância de alguns cientistas.

É preciso atentar, também, que, muitas vezes, o cientista tem medo, com razão, de que a informação seja “distorcida” pelo jornalista despreparado e em correria para dar conta de cumprir a pauta do dia. No entanto, assim como há jornalistas e jornalistas, há cientistas e cientistas. E o jornalista que pretende fazer a cobertura científica, além de se policiar para evitar erros crassos, deve atentar para o fato de que nem sempre a ciência tem a resposta para tudo e de que nem sempre o cientista é o dono da verdade. De que é preciso questionar, também, o cientista e a ciência. Daí a importância do jornalista científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Entrevista com o biólogo Paul Ewald. Superinteressante, págs. 88 e 89. Edição 175, abril de 2002.
- EPSTEIN, Isaac. *A Teoria da Informação e a Comunicação Científica Pública*. In: *Comunicação ao 4º Colóquio Franco-Brasileiro de Pesquisadores em Comunicação*, Grenoble, França, 11 a 16 de novembro de 1996.
- ERBOLATO, Mário L. *Jornalismo Especializado: Emissão de Textos no Jornalismo Impresso*. São Paulo: Editora Atlas, 1981.
- HERNANDO, Manuel Calvo. *El Periodismo Científico*. Quito: Ciespal.
- Jornalismo Científico. Encarte Especial da Revista Fapesp nº 47, outubro de 1999.
- MOURA, Mariluce. *A Lenta Conquista do Espaço na Imprensa*. Experiências em Why you could catch a heart attach. New Scientist, 8 de junho de 1996.

NOTAS

- ¹ Manuel Calvo Hernando, na palestra “El periodismo científico en el siglo XXI, una vía hacia el desarrollo sostenible”, ministrada em encontro de jornalismo científico em Quito, em 10 de novembro de 1999.
- ² Suplemento Mais!, Folha de São Paulo, 30 de julho de 1996.
- ³ Seção Superpapo, Superinteressante, edição 175, de abril de 2002.
- ⁴ Jornalista científico, no site www.jornalismocientifico.com.br.
- ⁵ Manuel Calvo Hernando, em “El Periodismo Científico”; Hernando fundou a Associação Íbero-Americana de Jornalismo Científico.
- ⁶ Alberto Dines, em palestra na aula inaugural da segunda turma do curso de pós-graduação lato sensu em jornalismo científico do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, em março de 2001.
- ⁷ Wilson Bueno.
- ⁸ Wilson Bueno.
- ⁹ Fabíola Oliveira, diretora da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), em palestra dada no curso de pós-graduação lato sensu em jornalismo científico da Unicamp, no segundo semestre de 2001.
- ¹⁰ Idem.
- ¹¹ Mário L. Erbolato, em “Jornalismo Especializado: Emissão de Textos no Jornalismo Impresso”.